

# **A TRANSPOSIÇÃO CULTURAL DA RELIGIOSIDADE BIZANTINA PARA O PRINCIPADO RUS´ ENTRE “CESAROPAPISMO” E “TEOCRACIA”. UMA ABORDAGEM CONCEITUAL.**

Fabrcio de Paula Gomes Moreira

## **Introdução**

Procuraremos demonstrar nesse estudo as perspectivas de anlise para o estudo da Histria da formao poltica do principado Rus´ de Kiev a partir dos conceitos de *cesaropapismo* e *teocracia*. Trataremos inicialmente de uma breve descrio histrica dos processos envolvidos na constituio desse principado, como uma plataforma de acesso a discusso conceitual. Posteriormente, analisaremos a trajetria no campo das cincias humanas dos conceitos acima citados, bem como sua aplicabilidade a experincia histrica que e nosso objeto de estudo. Por fim, esboaremos um entrelaamento entre a anlise conceitual e a constituio poltica do principado. O objetivo de nosso trabalho e situar a formao de um novo tipo de poder, baseado na aliana entre a dinastia governante e a Igreja, em sua expresso bizantina ortodoxa no contexto da Idade Mdia.

## **Breves consideraes acerca da formao do principado de Kiev**

A Histria da Rssia, Ucrnia e Bielorrssia tem seu incio oficial com o estabelecimento da dinastia Riurikida e a adoo do cristianismo. A historiografia clssica<sup>1</sup> define que essa adoo do cristianismo situou os Rus´ (como eram conhecidos os povos que habitavam a regio da Planicie Russa) naquele espao, a partir da legitimao divina de seu poder; e no tempo, a partir de sua insero na Providncia, ou seja, no plano de Deus para os homens (CROSS, 1968: 117). Contudo, como era de se esperar, este postulado resume e simplifica um movimento que, se observado atentamente, foi mais complexo, gradual e fascinante do que parece. Esse processo, que durou pelo menos trs sculos, e importante testemunha da formao de uma elite Rus´, com interesse em se situar na rede de poder da Europa Medieval, a partir de intensos contatos e trocas com a civilizao bizantina (FRANKLIN, 1991: 1820). Dessa forma, uma breve reflexo sobre a formao poltica dos principados Rus´ se faz necessria.

Durante o século IX, uma nova entidade política começa lentamente a se constituir na planície Russa. O que se observou foi o surgimento de uma série de principados, baseados no controle de rotas comerciais que ligavam essa região com a Escandinávia, o Oriente Islâmico e principalmente com o Império Bizantino. Diante da impossibilidade de se manterem em paz, as tribos da região decidem procurar um príncipe em terras estrangeiras, que fosse capaz de governá-las. Este príncipe é Riurik<sup>2</sup>, que começa, a partir de 862, a impor seu poder na região, supostamente a convite dos próprios habitantes, tal como sugerido na *Crônica*: “Os Chuds, os Eslavos, os Krivichianos e os Ves’ então disseram ao povo dos Rus’ ‘Nossa terra é grande e rica, mas não há ordem nela. Venha governar e reinar sobre nós’” (CROSS, 1968: 59).<sup>3</sup>

Portanto, o surgimento desse principado foi um meio de organizar essa população que era, por sua vez, composta por uma miríade de povos com costumes muito diferentes entre si com o intuito de controlar e expandir as já citadas rotas comerciais. Após sua morte (em alguma data entre 870-879) e durante o final do século IX e todo o século X, os sucessores de Riurik procuraram criar condições para a consolidação e ampliação de seu poder. Até então este se baseava em um tipo de autoridade exercida apenas enquanto o grupo executava determinada tarefa ou serviço, ou seja, uma espécie de “relação de empreitada” (PIPES, 1974: 30-31). É no sentido de ampliar esse poder que devemos interpretar o batismo de Olga<sup>4</sup>, em meados do século X d.C.<sup>5</sup> e de Vladimir<sup>6</sup>, em 988 d.C., na religião Cristã Ortodoxa. Tal como nas palavras do metropolita Hilário, Vladimir

“Mais do que todos, além disso, ele ouviu da sempre Ortodoxa terra Grega, no amor de cristo e forte na fé [...] Aquele homem [Constantino, o Grande], junto a sua mãe Helena, trouxe a Cruz de Jerusalém e estabeleceu-a, trazendo glória à fé mundo afora. Você e sua avó Olga trouxeram a Cruz da nova Jerusalém, da cidade de Constantino, e, estabelecendo-a em sua terra, afirmou a fé” (POPPE, 2007, V: 339).<sup>7</sup>

Dessa forma, podemos observar que os acontecimentos que culminaram com o batismo do Grão-Príncipe Vladimir, seu séquito e seus súditos da cidade de Kiev é um acontecimento multifacetado, com características únicas que permitem que a sua análise possa trazer evidências de todo um modo de vida, práticas políticas e visões de mundo daquela sociedade medieval em formação. É exatamente o contato desses costumes com outros, os cristãos, mais aceitos e prestigiados no ambiente político da Europa Medieval, que constituem as bases de nosso estudo.

Quando Vladimir aceita o batismo na religião cristã ortodoxa grega, ele aceita não somente uma religião, mas toda uma concepção de poder, vida e sociedade derivada de Bizâncio, ou tomada de empréstimo, nas palavras de Simon Franklin (1992: 157), que cobria desde a religião até a política e a guerra. O poder do príncipe Rus' passa a se embasar no poder do Deus cristão, bem como procura ser sua imagem na terra. O que podemos observar como marca determinante de todo o processo é a transposição, com certos limites, do modelo bizantino da chamada "Ortodoxia Política" para a Rússia (BECK, 1981: 22-47).

A partir daí, os pressupostos e concepções acerca da origem divina do poder do príncipe e da sua forte corroboração pela Igreja, começam a se implantar na Rus'. No entanto, essa implantação foi transpassada por trocas culturais com os nômades das estepes e principalmente com a cultura da maior camada de sua população, os eslavos, terminando por surgir um filtro próprio para interpretar e organizar sua nova realidade. A adoção da liturgia em língua eslava pelos Rus' – cuja maior praticante da época era a Igreja Cristã Ortodoxa Búlgara, que até então era dotada até mesmo de um patriarcado próprio – demonstra a importância dada à aproximação da prática religiosa com o padrão cultural dessas comunidades.

O entrelaçamento das tradições do cristianismo ortodoxo com aquelas consuetudinárias, praticadas no território Rus', é um fenômeno curioso e revelador de uma autoridade dos príncipes que desde então passava a se basear numa matriz dupla. Primeiro, na linhagem e na descendência direta de Riurik e de Oleg, fundadores dos primeiros principados em Novgorod e Kiev, respectivamente, durante o século IX d.C. Segundo, na religião cristã ortodoxa, que revestia sua autoridade de um caráter transcendental, investido por Deus. Nota-se que este segundo fundamento da autoridade principesca era uma novidade no território Rus' e sua penetração, muito embora oficializada em 988 d.C. com a conversão de Vladimir I, deve ser encarada como um processo em que essa data, considerada o momento da conversão e da inserção de fato dos Rus' nessa nova realidade, é apenas um dos seus muitos pontos altos. Tal como nas palavras de Simon Franklin:

Tal é o mito. Mas Vladimir não foi ele mesmo o produtor do mito, nem nenhum dos seus contemporâneos. A busca por respostas articuladas do século X para a conversão leva à frustração. Aliás, a busca por respostas articuladas do século X para *qualquer coisa* leva à frustração. Isto não é porque os Kievinos fossem desarticulados, mas porque eles ainda não haviam começado e gravar suas articulações por escrito. Em contraste com os vários paganismos, o Cristianismo, importado de fora, era a religião do Livro. Ao aceitar o Cristianismo, Vladimir aceitou o desejo, a

necessidade, de uma alta cultura escrita. Todavia, não há evidência de uma alta cultura escrita *produtiva* por cerca de meio século após a conversão oficial. Fora uma mão cheia de inscrições arranhadas e, na maior parte, fragmentadas, nenhum espécime de antes da metade do século XI da escrita nativa sobreviveu (FRANKLIN, 1992: 157).<sup>8</sup>

Dessa forma, devemos entender que, apesar de a historiografia clássica estabelecer 988 d.C. como a data de sua inserção oficial do Principado Rus' na cultura cristã ortodoxa através do príncipe Vladimir, na prática essa "inserção" deve ser situada a partir da segunda metade do século XI. O que Franklin sugere é que a cultura letrada dá sinais claros de seu florescimento e uso em maior escala entre os Rus' somente a partir do principado de Iaroslav<sup>9</sup> (FRANKLIN, 1992: 157).

No entanto, pode-se notar que a cultura cristã entre os Rus' a partir do batismo de Vladimir, ainda estava se consolidando, bem como as práticas políticas dos príncipes baseadas no cristianismo ortodoxo. Apesar de as fontes, principalmente a *Crônica dos tempos passados* e o *Sermão sobre a Lei e a Graça* apontarem a realização das promessas divinas a partir do batismo do Grão-príncipe, a inserção e o reconhecimento dos Riuríkidas Rus' no contexto das realzas européias, é possível perceber que se tratava de um processo que ainda se constituía. Diversos príncipes Rus' se engajavam em alianças independentes com povos vizinhos, objetivando reconhecimento, tanto externamente por sua força militar e política independente, quanto internamente por sua capacidade de se sobrepôr nas questões dinásticas.

Nesse ponto, encontramos a questão de nosso estudo: a consolidação dos principados, a partir de Vladimir como grão-príncipe de Kiev, exercendo a autoridade única. Partindo dessa premissa, abordaremos a seguir a trajetória dos conceitos mais empregados pela historiografia ocidental para lidar com esse tipo de fenômeno político, quais sejam *cesaropapismo* e *teocracia*. Inicialmente faremos uma delimitação de como se estruturam tais conceitos e posteriormente faremos uma discussão sobre sua viabilidade ou não nesse contexto de recepção de ideias bizantinas entre os Rus' e sua estruturação política.

### **Cesaropapismo: definição e concepção**

O conceito de *cesaropapismo* se estrutura a partir da experiência histórica ocidental. A análise de formas de poder em diferentes temporalidades, mas principalmente

a partir da experiência da Antiguidade e da Idade Média trouxe à tona a imbricação entre as esferas da Igreja e do Estado. É importante notar que tal conceito surge em um momento de elaboração analítica que visava separar em esferas os diversos momentos da experiência humana, com a constituição das diversas ciências em formas de abordagem de diferentes fenômenos, físicos, sociais, biológicos, econômicos, religiosos, etc.

Também é digno de nota o momento histórico onde o conceito de *cesaropapismo* surge, qual seja o da reforma protestante, que empunha como uma de suas principais reivindicações a da separação entre assuntos de igreja e assuntos de estado, visto que sua imbricação gerava abusos de poder por parte dos religiosos. Gilbert Dagron associa a história do termo à luta protestante, na pessoa do professor Iustus Henning Böhmer (1674-1749), que desenvolveu, em uma passagem de seu manual de direito eclesiástico protestante noções sobre os dois principais abusos de poder em matéria de religião, quais sejam a “Papo-Caesaria” e a “Caesaro-Papia”, para designar o Papa se dotando de um poder político e os soberanos laicos se encarregando de assuntos religiosos (DAGRON, 1996: 291). No entanto, segundo Dagron, apenas o segundo termo se populariza, principalmente a partir da segunda metade do século XIX, mais como um insulto à experiência histórica de Bizâncio e seus herdeiros ortodoxos do que como uma noção teórica, onde o intervencionismo dos imperadores bizantinos era visto como uma das principais causas do cisma das igrejas. Celso Taveira destaca a importância, para Lutero, da questão do “poder” e da “função”, onde a Igreja Católica desfrutava do primeiro e se esquecia do segundo (TAVEIRA, 2002: 294).

Quanto à sua aplicação na análise social do século XIX, *cesaropapismo* surge como um dos tipos de hierocracia, onde a autoridade sacerdotal se encontra submetida, ao detentor de autoridade política. Weber trabalhou no segundo volume de sua obra *Economia e Sociedade*, com a seguinte tipificação:

Nessas condições [as condições de uma hierocracia], as competências dos soberanos seculares sobre a Igreja podem ter alcance muito diverso, desde simples direitos administrativos regionais até a influência sobre a formação dos dogmas, conhecida entre os monarcas bizantinos, e a função do soberano como pregador, no império dos califas. De todo modo, a relação entre o poder político e o eclesiástico difere muito no caso: 1) do soberano sacerdotal, esteja este legitimado como encarnação ou como soberano querido por Deus, 2) do soberano que ocupa o cargo sacerdotal, exercendo como sacerdote também as funções do rei – os dois casos da hierocracia – e, por fim 3) do soberano cesaropapista, isto é, do

soberano secular que, em virtude de um direito próprio, possui também o poder supremo em assuntos religiosos (WEBER, 2004: 364).

Dessa forma, podemos concluir a partir de Weber, que o conceito de *cesaropapismo*, tal como utilizado nas análises sobre estruturas de poder carismático, designava a forma de governo onde o soberano tomava para si atribuições de caráter religioso, tomando como base o direito próprio de interferir nesses assuntos que provinha de seu carisma, ou do carisma que envolvia sua titulação. No entanto, o próprio Weber destaca que não existem provas, a partir da experiência histórica, da submissão total da autoridade religiosa à autoridade política, apontando para o duelo constante entre as castas religiosas e seculares em várias ocasiões. Em suas palavras

Repetidas vezes, mas quase sempre em vão, o *basileus* bizantino e antes dele o faraó e monarcas indianos e chineses tentaram impor conteúdos religiosos e normas de criação próprios, mas, para todos eles, precisamente estas tentativas foram extremamente perigosas. De forma mais perfeita, conseguiu-se, em geral, a submissão do poder sacerdotal ao real, ali onde a qualificação religiosa ainda funcionava, principalmente como carisma mágico de seus portadores e não fora racionalizada, no sentido de um aparato burocrático próprio [...]. Onde reina esse tipo, a força de resistência dos poderes hierocráticos contra o poder secular é muitas vezes insuperável, e este último não tem outra escolha além de fazer um acordo (WEBER, 2004: 365).

Podemos concluir então, que a experiência histórica da tentativa de submissão de autoridades religiosas ao poder secular teve como contrapartida direta o poder e o carisma desfrutado pela própria autoridade religiosa, que principalmente no caso do cristianismo vinha acompanhada de uma vasta estrutura eclesiástica tanto na elaboração dos dogmas como na difusão da fé. Tal estrutura dificilmente cedia em conflitos diretos com o poder secular e tal é o caso no próprio Império Bizantino, alvo maior do conceito de *cesaropapismo*, usado como arma para atacar a própria religião cristã ortodoxa em suas relações com o poder secular. Para Gilbert Dagron, quando Jacob Burkhardt rejeita formas de Cristianismo de Estado, nomeia essa configuração política de “Bizantinismo”, com uma clara antipatia à formação política bizantina (DAGRON, 1996: 294). Isso reflete, de certa forma, algumas concepções sobre a hierocracia que refletem as experiências históricas de Oriente e Ocidente, principalmente a divisão de caminhos entre os modelos políticos oriundos da Cristandade Ocidental e a Cristandade Oriental. Para compreender melhor essa

diferenciação, abordaremos a seguir o conceito de *teocracia*, quando aplicado à análise de formações políticas medievais principalmente.

### **Teocracia: definição e concepção**

A trajetória do conceito de *teocracia* se origina na interpretação e exegese do Antigo Testamento bíblico. O foco incide sobre as vicissitudes da comunidade judaica e sua relação com Deus. O povo escolhido, que vive em uma “economia da salvação” tem a obrigação de se organizar socialmente de acordo com os preceitos revelados pela divindade, e tal organização origina uma estrutura política profundamente associada à religião, tal como na formulação de hierocracia delineada por Weber (2004: 364).<sup>10</sup>

A partir dessa ótica da organização social através da revelação temos algumas características que merecem ser delineadas para a análise da experiência histórica da *teocracia*. O livro de Dagron faz referência a uma série de pressupostos que, com o objetivo de analisar o modelo político teocrático bizantino, devem ser levados em conta. Trabalharemos com esses pressupostos a partir da análise de Celso Taveira (2002). São eles:

Primeiramente temos a bipolaridade entre a sacralidade do Estado e o poder político da Igreja, encarados historicamente principalmente a partir da sacralidade do estado entre Gregos e Romanos na Antiguidade, onde a Cidade e a República desempenhavam um papel semelhante ao de uma divindade, com sua administração sendo encarada como uma prática política, mas revestida de um caráter sagrado. Essa concepção teve seu legado trasladado e reinterpretado na Europa Medieval (DAGRON, 1996: 16-18). Taveira destaca nessa concepção o destino histórico associado à relação com essa característica no Ocidente Medieval, onde essas instâncias se separam e no Oriente Medieval, onde permanecem reunidas (TAVEIRA, 2002: 280). Esse estado de coisas permeará as relações entre esses povos de maneira duradoura, ultrapassando inclusive as fronteiras da Idade Média. Podemos encontrar reflexos disso na relação do Ocidente contemporâneo com os países Islâmicos, por exemplo, ou ainda com a Rússia comunista ou pós comunista, e sua tendência a apoiar governantes fortes e centralizadores (TAVEIRA, 2008: 61).

Em segundo lugar as circunstâncias nas quais não há uma separação entre político e religioso, tal como na religião Judaica e na religião Islâmica, tornando sem sentido a separação entre político e religioso, visto que estas esferas estão em sincronia. Taveira

acredita que exista certa interpretação relacionada à psicologia de povos quando as análises se voltam para essa característica, não concorda com estas e ressalta a condição de processo histórico (2002: 281). São circunstâncias históricas mais amplas que delimitam essa distinção progressiva entre a política Ocidental e a política Oriental. Dessa forma, o autor concorda com Gilbert Dagron quando este declara a necessidade de procurar os pressupostos da política bizantina no Antigo Testamento, através da tradição da realeza bíblica (2002: 281);

Outro aspecto importante é o princípio de sociedade ideal ou de “economia da salvação”, onde a dualidade entre religião e política não existe, pelo menos em tese. Uma sociedade ideal, para Taveira, demonstra em sua prática, os motivos de sua situação ideal. No caso do Império Bizantino, temos o estabelecimento de um consenso social sobre isso a partir de forças institucionais capazes de promover a adesão à idéia de povo escolhido, da cidade de Deus na terra, elaborados coletivamente tanto pela figura do Imperador (*Autokrátor*) em sua imitação do cristo (*Pantokrátor*) quanto da Igreja, em toda sua estrutura centralizada no Patriarca (2002: 382). Dessa forma, *teocracia* seria um integristo entre Igreja-Estado e não uma intervenção totalitária do Estado sobre a Igreja (TAVEIRA:, 2002: 281);

Por último temos o problema da necessidade de legitimação do cristianismo primitivo, que teve que se aliar ao poder político procurando garantir sua própria sobrevivência. Taveira ressalta “a teoria papal e romana dos dois poderes, um espiritual em Roma e outro temporal em Constantinopla e a posterior impossibilidade histórica desse esquema se realizar” (2002: 281) como um ponto de partida para a análise das vicissitudes históricas de ambas as partes. Nesse sentido, no Império Romano do Oriente, posteriormente chamado de Bizantino, tem-se uma reorganização progressiva da Igreja em torno do imperador, enquanto no Ocidente medieval, temos a reorganização da própria ideia de Império, com o Império Carolíngio e o Sacro-Império Romano-Germânico.

A partir dessa delimitação, notamos que a imbricação do poder temporal e espiritual percebida a partir do conceito de *teocracia* é tal que não se pode encará-la como uma intervenção de uma esfera na outra, mas como uma legitimação e organização de cada esfera em função da outra. Nesse sentido, a afirmação de Gilbert Dagron é fundamental para nossa compreensão do que seria *teocracia*:

Nós situamos Bizâncio junto à gama de sistemas políticos que se identificam, mais ou menos a uma religião, aquele em que a separação entre o domínio espiritual e o sistema temporal não se faz operante em sua plenitude e também, o soberano não se diz escolhido por Deus? Em nosso mergulho na história e nos textos nos remontamos a duas respostas intercambiantes e contrastantes, frequentemente “não respostas”, que devemos nos referir a uma classificação aproximada para enfrentar um modelo oriental de *teocracia* e um ocidental de *cesaropapismo* fundado sob a autonomia de ‘dois poderes’: por um lado confusão [intersecção] e por outro distinção [separação] (DAGRON, 1996: 290).<sup>11</sup>

A partir dessa intersecção e confusão entre um sistema político e uma religião, característica da *teocracia*, devemos interpretá-la não como uma invasão de uma esfera de poder em outra, mas sim de uma constituição mútua, onde um lado reforça e constitui o outro e vice-versa. Dessa forma, poderíamos dizer que o que se tem, na experiência bizantina é um estado que possui em suas atribuições políticas, uma missão religiosa, litúrgica; e uma igreja que possui em suas atribuições religiosas, uma missão de estado.

Diante dessa delimitação dos conceitos de *cesaropapismo* e *teocracia*, e a posterior constatação da maior adequabilidade do conceito de *teocracia* para a partirmos agora à uma análise da aplicabilidade desses conceitos no estudo da formação política do principado Rus’, no contexto de suas relações com o Império Bizantino.

### **O conceito de teocracia aplicado ao estudo da constituição políticocultural do principado Rus’ de Kiev**

O batismo de Vladimir, tal como já discutido, trouxe para o principado Rus’ a religião cristã, a necessidade de uma cultura letrada religiosa e a formação de um grupo intelectual associado à igreja. A legitimação do poder estabelecido passou a contar com sua relação com a Igreja. No entanto, o clero assentado no principado era de origem grega, professava a fé oriunda de Constantinopla, uma religião que, tal como já discutido, se constituía na sua imbricação com o Império Bizantino. Dessa forma, um traslado de diversos conceitos e formas litúrgicas foi necessário para construir uma religiosidade de Kiev em consonância com seu próprio contexto sem, no entanto, perder sua sintonia com a matriz religiosa de Constantinopla. O que se viu na aliança entre religiosidade cristã ortodoxa e o principado foi um traslado e uma tradução semelhante.

No plano da História associada a esse processo, podemos perceber a profundidade da apropriação de conceitos e modelos bizantinos de interpretação da história dos Rus’. Em

última instância, os Rus' foram buscar sua própria constituição política e de temporalidade a partir de registros bizantinos. A referência ao próprio passado passou a ser intimamente relacionada com o passado bizantino. Inicialmente a própria idéia de um povo unido de forma ideal após o batismo do príncipe Vladimir tomou forma com essa importação de conceitos. Notamos tal apropriação do conceito de sociedade ideal na passagem a seguir, extraída do “*Sermão sobre a Lei e a graça e a Eulogia do Príncipe Vladimir que nos batizou*”, elaborada pelo Metropolita Hilário, quando este afirma que o príncipe Vladimir, a partir do batismo: “nos retirou [os Rus’], prostrados pela idolatria, do leito de morte” (POPPE, 2007, III, p.296).<sup>12</sup> Hilário também declara que “ao mesmo tempo em que nossa terra começou a glorificar Cristo [...] Então a escuridão do paganismo começou a desistir de nós, e a aurora da fé verdadeira raiou” (POPPE, 2007, III, p.297).<sup>13</sup>

Da mesma forma, podemos notar que diversas referências à soberanos bizantinos, sua forma de governar e suas ações foram incorporadas pelos Rus' tendo em vista constituir sua própria religião de estado. O príncipe Vladimir, tomado como o conversor dos Rus' e seu apóstolo, é tratado como um herói, que por batizar seu povo, trouxe as benesses da vida em Cristo para toda a sua terra, tal como exemplificado na passagem da “*Crônica dos Tempos Passados*” sobre sua morte:

Quando o povo ouviu essa notícia [a da morte de Vladimir, em 1015], ele se reuniu em multidão e o lamentou, os boiardos como o defensor da terra, os pobres como seu protetor e benfeitor. Eles o colocaram em um sarcófago de mármore e enterraram o corpo do Príncipe santificado, em meio ao seu pranto.

**Ele é o novo Constantino da poderosa Roma, que se batizou e aos seus súditos; porque o Príncipe dos Rus', imitou os atos do próprio Constantino.** Mesmo que ele anteriormente se entregava a más concupiscências, após isso ele se consagrou ao arrependimento, de acordo com os ensinamentos do apóstolo que dizem, “Mas onde abundou o pecado, transbordou a graça” (Rom., V, 20) [...].

Vladimir morreu na fé ortodoxa. Ele apagou seus pecados pelo arrependimento e caridade, o que é melhor que qualquer outra coisa. Porque o Senhor diz, “Eu desejo almas, e não sacrifícios” (Mt., IX, 13). Almas são melhores e mais exaltadas do que qualquer outra coisa, já que elas nos levam para a presença de Deus, mesmo para o paraíso em si; assim como o anjo disse a Cornélio “Tuas preces e tua caridade serão lembradas diante de Deus” (At, X, 4) (CROSS, 1968: 124-125).<sup>14</sup>

Esse tratamento dado a Vladimir (que foi canonizado pela Igreja Ortodoxa posteriormente) demonstra a necessidade e a vontade dos Rus' de se situar no plano da

salvação de Deus para os homens, no plano da Providência. Tal como a *Crônica* afirma, Vladimir foi alçado à condição de “novo Constantino”, por ter se empreendido em converter seu povo à fé verdadeira. Essa elaboração foi fundamental para que o principado ganhasse em legitimidade, visto que os eventos que culminaram no batismo demonstram a clara tentativa de Vladimir de procurar uma fonte maior de legitimidade para seu poder, dadas suas origens<sup>15</sup>.

Dessa forma, em nossa conclusão, podemos perceber que a implantação e consolidação da comunidade cristã no principado de Kiev passou diretamente por uma decisão do principado, uma decisão de Estado, da mesma forma que o principado, em sua constituição, necessitava da religião para que pudesse obter sua legitimidade. Um se construiu a partir de sua relação com o outro. A *Crônica* aborda essa perspectiva ao demonstrar os príncipes (Vladimir e os posteriores) como grandes entusiastas das obras da igreja, sempre dispostos a contribuir para a obra evangelizadora do cristianismo ortodoxo que se assentava entre os Rus'. Quando do batismo, Vladimir

[...] tomou as crianças das melhores famílias, e as enviou para **instrução no aprendizado com livros**. As mães dessas crianças choraram copiosamente por eles, por que ainda não eram fortes na fé, mas lamentaram como que para os mortos. Quando essas crianças foram designadas para o estudo, foi cumprida na terra dos Rus' a profecia que diz, “Nesses dias, o surdo ouvirá as palavras da escritura e a voz dos gogos se tornará clara” (Is., XXIX, 18) (CROSS, 1968: 117).<sup>16</sup>

Assim, temos uma missão religiosa do principado, assim como uma constituição da religião dentro do mesmo, expressão que se consolidará e será ampliada a partir da noção da Terceira Roma, o traslado do império para a Rússia, que será desenvolvida séculos mais tarde, quando da queda do Império Bizantino.

## **Referências Bibliográficas**

### **Livros**

BECK, Hans Georg. *Nomos, Kanon Und Staatsraison in Byzanz*. Wien: Verlag der Osterreichischen Akademie der Wissenschaften, 1981.

CROSS, S. H.; SHERBOWITZ-WETZOR, O. P. *The Russian Primary Chronicle*. Cambridge: Mediaeval Academy Of America, 1968.

DAGRON, Gilbert. *Empereur et prêtre. Études sur Le “césaropapisme” byzantin*. Paris: Éditions Gallimard, 1996.

DIEHL, Charles. *Os grandes problemas da história bizantina*. São Paulo: Editora das Américas, 1961.

DVORNIK, Francis. *The Slavs: Their early History and Civilization*. Boston: American Academy of Arts and Sciences, 1958.

KAZHDAN, A.; TALBOT, A.-M.; CUTLER T. E.; A. GREGORY, T. E.; SHEVCHENKO, N.P. (Ed.). *The Oxford Dictionary of Byzantium*. Oxford e Nova York: Oxford University Press, 1991. 3 vols.

KOVALEVSKY, P. *Historia y cultura de Rusia*. Barcelona: Ediciones Nauta, 1966.

MILLAR, James R. (Ed.). *Encyclopedia of Russian History*. Nova York: Thompson & Gale, 2004.

OSTROGORSKY, Georg. *Historia del Estado Bizantino*. Madrid: Akal Editor, 1963.

PIPES, Richard. *Russia under the old regime*. London: Penguin Books, 1995. 2ª ed.

POPPE, Andrzej. *Christian Russia in the making*. London: Variorum Reprints, 2007.

PORTAL, Roger. *Os eslavos: povos e nações*. Lisboa/Rio de Janeiro: Edições Cosmos, 1968.

TAVEIRA, Celso. *O modelo político da autocracia bizantina*. Fundamentos ideológicos e significado histórico. 2002. Tese (Doutorado em História Social) - Universidade de São Paulo, São Paulo.

\_\_\_\_\_. *Da primeira à terceira Roma*. A Commonwealth Bizantino-Eslava e seu impacto na formação da Rússia. Relatório final de projeto de pesquisa em nível de pós doutorado. Universidade Estadual Paulista - Campus de Assis, 2008.

WEBER, Max. *Economia e sociedade*. Fundamentos da sociologia compreensiva. Vol 2. São Paulo: Imprensa Oficial, 2004.

### **Capítulo de livro**

FRANKLIN, Simon. "Borrowed Time: Perceptions of the Past in Twelfth Century Rus'." In: MAGDALINO, Paul. (ed.) *The perception of the Past in Twelfth Century Europe*. Londres: The Hambledon Press, 1992.

### **Artigo na internet**

\_\_\_\_\_. "Once Again concerning the Baptism of Olga, Archontissa of Rus'". In: *Dumbarton Oaks Papers*, Vol. 46, Homo Byzantinus: Papers in Honor of Alexander Kazhdan (1992), pp. 271-277. Dumbarton Oaks, Trustees for Harvard University. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/1291660>. Acessado em: 12/05/2008.

## Notas

<sup>1</sup> Cf. DVORNIK, Francis. *The Slavs: their early History and Civilization*. Boston: American Academy of Arts and Sciences, 1958. DIEHL, C. *Os grandes problemas da História Bizantina*. São Paulo: Editora das Américas, 1961; OSTROGORSKY, G. *Historia del Estado Bizantino*. Madrid: Akal Editor, 1963; KOVALEVSKY, P. *Historia y cultura de Rusia*. Barcelona: Ediciones Nauta, 1966; PORTAL, R. *Os Eslavos: povos e nações*. Lisboa/Rio de Janeiro: Edições Cosmos, 1968.

<sup>2</sup> Não se sabe com exatidão se este príncipe existiu. Há certo consenso na historiografia que Riurik é, na verdade, uma representação dos antigos príncipes Rus', sobre os quais não haviam relatos. Cf. CROSS, Samuel. H; SHERBOWITZ-WETZOR, Oleg P. *The Russian Primary Chronicle*. Cambridge: Mediaeval Academy Of America, 1968.

<sup>3</sup> "The Chuds, the Slavs, the Krivichians, and the Ves' then said to the people of Rus' 'Our land is great and rich, but there's no order in it. Come to rule and reign over us' "(Tradução nossa).

<sup>4</sup> Princesa e arcontissa dos Rus' em meados do século entre 945 d.C., ano da morte de Igor, seu esposo e príncipe Rus', até 963 d.C., quando entrega o poder a seu filho Sviatoslav, herdeiro por direito do trono do principado de Kiev (CROSS, 1968: 42).

<sup>5</sup> Há discordância entre os historiadores quanto à data correta do batismo de Olga. As mais aceitas são 946 d.C. e 955 d.C. A primeira data é coerente com o período na história do principado Rus' de Kiev. O príncipe Igor, esposo de Olga, foi assassinado em 945 (ca.) por lideranças da tribo dos Derevlianos, devido a seus abusos na coleta de tributos. Dessa forma, Olga poderia ter visitado Constantinopla para conseguir um acordo comercial melhor do que o que seu falecido esposo conseguira 4 anos antes, visando fortalecer sua posição de princesa Rus', aceitando o batismo como parte do acordo. Outra data sugerida é a de setembro de 954/955 d.C. (notando que o ano bizantino começava em setembro) conta com o apoio da *Crônica*, que afirma que a princesa viveu mais 15 anos após o batismo e morreu em 969 d.C. (POPPE, 1992: 272).

<sup>6</sup> Príncipe Rus' de 980 d.C. a 1015 d.C., conhecido principalmente por ser o responsável pela adoção do cristianismo pelos Rus' em 988 d.C., assumiu o principado de Kiev após uma guerra contra dois de seus irmãos. Após o batismo foi forçado a anular seus diversos casamentos pagãos, para poder obter a mão de Ana Porfirogeneta, princesa bizantina, em casamento. Foi o grande responsável pela destruição de templos pagãos e pelo desenvolvimento da educação e da religião cristã ortodoxa na região de Kiev (MILLAR, 2004: 1643-1644).

<sup>7</sup> "Most of all, moreover, he heard of the ever Orthodox Greek land, loving Christ and strong in faith [...] That man [Constantino, o Grande], together with his mother Helena, brought the Cross from Jerusalem and established it, bringing glory to the faith throughout his world. You and your grandmother Olga brought the Cross from the new Jerusalem, from the city of Constantine, and, establishing it on your land, affirmed the faith" (Tradução e adição entre colchetes nossa).

<sup>8</sup> Such is the myth. But Vladimir was not himself the myth-maker, nor were any of his contemporaries The search for articulated tenth-century responses to the conversion leads to frustration. Indeed, the search for articulate tenth-century responses to *anything* leads to frustration. This is not because tenth-century Kievans were inarticulate, but because they had not yet begun to record their articulations in writing. By contrast with the various native paganisms, Christianity, imported from abroad, was the religion of the Book. By accepting Christianity Vladimir accepted the desirability, the necessity, of a written high culture. However, there is no evidence of a *productive* written high culture for about half a century after the official conversion. Apart from a handful of scratched and mostly fragmentary inscriptions, no specimens of native writing survive from before the mid eleventh century (Tradução nossa).

<sup>9</sup> Entre 1018 e 1054. Governou sozinho todas as terras dos Rus' entre 1036 e 1054 (CROSS, 1968: 297).

<sup>10</sup> Cf. a citação nas páginas 5 e 6 .

<sup>11</sup> "Où situer Byzance dans la gamme des systems politiques qui s'identifient plus ou moins à une religion, dans lesquels la séparation entre le domaine spirituel et le système temporel n'est pas tout à fait opérante, et don't le souverain se dit choisi par Dieu? De notre plongée dans l'histoire ET dans les textes nous avons remonté des réponses changeantes, contrastées, souvent des non-réponses qu'il nous faut maintenant rapporter à une classification sommaire confrontant un modele oriental de théocratie ET de cesaropapisme à um modele occidental fondé sur l'autonomie des 'deux pouvoirs': confusion d'un cote, distinction de l'autre (Tradução e adição entre colchetes nossa).

<sup>12</sup> "raised us [the Rus' ], prostrated by idolatry, from the deathbed" (Tradução nossa).

<sup>13</sup> at the same time our land started to glorify Christ [...] Then the obscurity of paganism started to recede from us, and the daybreak of the true faith dawned (Tradução nossa).

---

<sup>14</sup> “When the people heard of this, they assembled in multitude and mourned him, the boyars as the defender of their country, the poor as their protector and benefactor. They placed him in a marble coffin, and buried the body of the sainted Prince amid their mourning.

He is the new Constantine of mighty Rome, who baptized himself and his subjects; for the Prince of Rus’ imitated the acts of Constantine himself. Even if he was formerly given to evil lusts, he afterward consecrated himself to repentance, according to the teaching of the Apostle that “when sin increases, there grace abounds the more” (Rom., v. 20). [...]

Vladimir died in the orthodox faith. He effaced his sins by repentance and by almsgiving, which is better than all things else. For the Lord says, “I desire alms, and not a sacrifice (Matt., ix, 13). Alms are better and more exalted than all other things, since they lead us into the presence of God, even to heaven itself; as the angel said to Cornelius “Thy prayers and thy almsgiving are remembered before God (Tradução e grifo nosso).

<sup>15</sup> Vladimir era filho bastardo do príncipe anterior, Sviatoslav, além de ter chegado ao poder ao trair seu irmão, considerado o herdeiro legítimo da cidade de Kiev e de todo o principado.

<sup>16</sup> [...] took the children of the Best families, and sent them for instruction in book-learning. The mothers of these children wept bitterly over them, for they were not yet strong in faith, but mourned as for the dead. When these children were assigned for study, there was fulfilled in the land of Rus’ the prophecy which says “In those days, the deaf shall hear words of Scripture, and the voice of the stammerers shall be made plain” (Is., xxix, 18) (Tradução e grifo nosso).